

Para Que Tá Feio: Um Blog Sobre Gênero¹

Caroline Socodolski²

Adriana Tulio Baggio³

Universidade Federal do Paraná

RESUMO

As diversas ferramentas de comunicação disponíveis na internet permitem a seus usuários manifestar qualquer pensamento e/ou ideia com facilidade e atingir um bom número de pessoas. Através de postagens em blogs e redes sociais, e do compartilhamento das mesmas, informação se espalha pela web. A parte negativa desse fenômeno, é que esse meio dá muita voz, também, a discursos de ódio e reiteração de preconceitos – como é o caso de posts com ideais sexistas, homofóbicos, etc. É para contestar esse tipo de discurso espalhado na web que foi criado o blog do Tumblr “Para Que Tá Feio”, destinado a explicar a questão de gênero utilizando prints de comentários preconceituosos encontrados na web.

Palavras-chave: blog; Tumblr; teorias de gênero; novas mídias

1 INTRODUÇÃO

Nunca antes as pessoas tiveram tanto poder de comunicação do que na era da Web 2.0. Através de blogs, redes sociais e seções de comentários em variados websites, pode-se dar vazão a qualquer pensamento ou opinião. Os discursos que antes ficavam restritos à conversas de bar e raramente atingiam mais de dez pessoas, agora são capazes de alcançar qualquer pessoa no mundo (bastando apenas chegar naquele lugar da web e ler o que o indivíduo escreveu).

Há um lado positivo e um lado negativo nisso. O positivo é a quebra de monopólio da mídia tradicional, que sempre teve, também, seus próprios discursos. As novas mídias digitais trouxeram a possibilidade de “pessoas comuns” terem um canal de comunicação com o mundo, muitas vezes dando um lado da história que os outros meios de comunicação não dão. É o que tentou fazer, por exemplo, o Mídia Ninja⁴.

Pelo lado negativo, essa maior autonomia e facilidade para tornar-se um emissor, ao invés de ser mero receptor, também possibilita a divulgação de informações não verificadas, assim como discursos de ódio. O autor norte-americano Andrew Keen, um dos maiores críticos da internet, apesar de ter uma perspectiva apocalíptica e pessimista demais sobre as

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Rádio, TV e Internet, modalidade Blog.

² Estudante do 9º. Semestre do Curso de Comunicação Social, email: carolsocodsk@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social, email: atbaggio@gmail.com

⁴ <https://ninja.oximity.com/>

novas mídias digitais, tem também alguns pontos de razão em seus argumentos sobre o mal uso das redes.

O *The New York Times* reporta que 50% de todos os blogueiros escrevem pelo único propósito de contar e compartilhar experiências sobre suas vidas pessoais (...) A internet se tornou um espelho para nós. Ao invés de usá-la para procurar notícias, informação, ou cultura, nós a usamos para SER a notícia, a informação, e a cultura.
(KEEN, 2007, p. 7)

É o que acontece, muitas vezes, quando se vê discursos de ódio nos variados espaços da web. O indivíduo que não realiza nenhuma pesquisa antes de emitir uma opinião, está tentando se transformar na fonte de informação - “ser a cultura”. Assim como a informação falsa e não verificada, ideais preconceituosos que já estão enraizados na sociedade são de fácil disseminação no mundo virtual. Basta que uma pessoa veja um “argumento” com o qual concorde e o replique em outro lugar, possibilitando que um terceiro faça o mesmo e o discurso se espalhe. Por exemplo: uma pessoa que não tem o menor conhecimento sobre teorias de gênero, que nunca se quer olhou para um livro sobre o assunto ou procurou entendê-lo, pode escrever um longo parágrafo em uma rede social com uma opinião rasa e sem embasamento sobre feminismo, como se fosse uma verdade universal, e outros poderão replicá-la. Nesse caso, não houve nenhuma pesquisa para dar base à opinião do usuário – sua opinião (escancarada na rede) consistiu apenas de “achismos” e experiências pessoais. Isso não é prejudicial quando trata-se de discussões no nível “é bolacha ou biscoito?”, mas passa a ser um problema quando a informação sem fundamento serve apenas para reforçar um preconceito que afetará toda uma classe social.

Admitir que o conservador midiático – para usar o termo criado pelo teórico Francisco Rüdiger (2013) – Andrew Keen tenha razão em certas coisas, não é concordar inteiramente com ele. Ainda é possível encontrar conteúdo muito bom na web e, inclusive, conteúdo voltado a combater esses aspectos ruins.

Percebendo esse ambiente fértil para discussões, foi criado o blog do Tumblr “Para Que Tá Feio⁵” – um espaço para desconstruir discursos sexistas encontrados em várias partes da internet, seja redes sociais, outros blogs, ou comentários em sites de notícias. Por sexismo, entende-se aqui qualquer atitude ou pensamento preconceituoso que subestime e diminua uma classe sexual (em especial as mulheres), podendo dar margem à violência física e psicológica contra a classe em questão. O sexismo costuma exigir controle sob a

⁵<http://para-quetafeio.tumblr.com/>

mulher – sob seu corpo, sua vida pessoal, suas atitudes perante a sociedade, etc. Fato que só contribui para a restrição de sua liberdade. Segundo a definição de Shulamith Firestone (1976), o sistema de classe sexual é “um sistema consolidado ao longo de milhares de anos, que emprestou aos papéis arquetípicos de macho e fêmea uma legitimidade imerecida e uma permanência aparente”. (FIRESTONE, 1976, p. 25)

Esse trabalho fez parte da disciplina de Comunicação e Gênero, cursada por alunos de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná no segundo semestre de 2015.

2 OBJETIVO

Desmistificar algumas convicções de senso comum sobre a questão de gênero, usando como ferramenta um blog do Tumblr. Comentários sexistas encontrados na própria web foram usados para compor as postagens.

Espera-se dar maior divulgação às teorias de gênero que rebatem as críticas preconceituosas, mas de uma forma simples e fácil de entender – como muitos produtos pensados para a internet.

3 JUSTIFICATIVA

As novas mídias digitais ajudam a disseminar ideias mais facilmente, para bem ou para mal. Muitos preconceitos ainda são reforçados por meio da internet, e há um bom número de pessoas que colaboram para isso acontecer – não é difícil encontrar mensagens preconceituosas em postagens no facebook, whatsapp, twitter e afins.

Pensando nisso, é necessário usar essa mesma ferramenta (a web) para combater os preconceitos nela mesma disseminados. Através das teorias de gênero, rebate-se facilmente alguns argumentos que são prejudiciais a um grupo social – seja mulheres, homossexuais ou transsexuais. No prefácio do livro *Blogs.com: Estudos sobre blogs e comunicação*, o pesquisador André Lemos explica a íntima relação entre blogs e política, já que esta ferramenta da web (além de outros usos) é amplamente utilizada para dar visibilidade a questões de cunho político.

Questões de censura, política e ativismo estão diretamente relacionadas aos blogs. Muitos países reprimem blogueiros e censuram blogs, revelando que a liberação da emissão tem uma forte conexão política. Dar voz a todos (liberação da emissão), permitir o compartilhamento e a troca de informações (conexão) são poderosas ferramentas políticas de transformação da vida social (reconfiguração).
(LE MOS, 2009, p. 12)

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para fazer o blog, foi utilizado o site Tumblr como plataforma. Essa rede social permite postagens de vários formatos: áudio, vídeo, texto, e imagens. Um dos tipos mais utilizados, inclusive, são as postagens com montagem de imagens em formato GIF – ou seja, fotos que “se mexem”. No blog em questão, porém, o formato de postagem é uma impressão de tela – *printscreen* – seguida de texto. Colocar o comentário em *printscreen* no post proporciona ao leitor uma maior sensação de legitimidade, já que o comentário é mostrado exatamente como foi encontrado na web – layout, fonte de texto do site, etc. A única coisa modificada na imagem é a foto e nome completo de usuário, censurados para proteger a identidade das pessoas.

Para elaborar as postagens, foram utilizados textos sobre teoria de gênero trabalhados na disciplina de Comunicação e Gênero. Por exemplo, na postagem da Figura 1, debate-se o papel da mulher na sociedade e estereótipos femininos criados no imaginário coletivo por causa desse imposto papel – o de “mãe”, “dona de casa”, “sexo frágil”, etc.

A resposta ao comentário em print foi concebida majoritariamente com base no que Jeni Vaitsman escreve no texto “Gênero, identidade, casamento e família na sociedade contemporânea”:

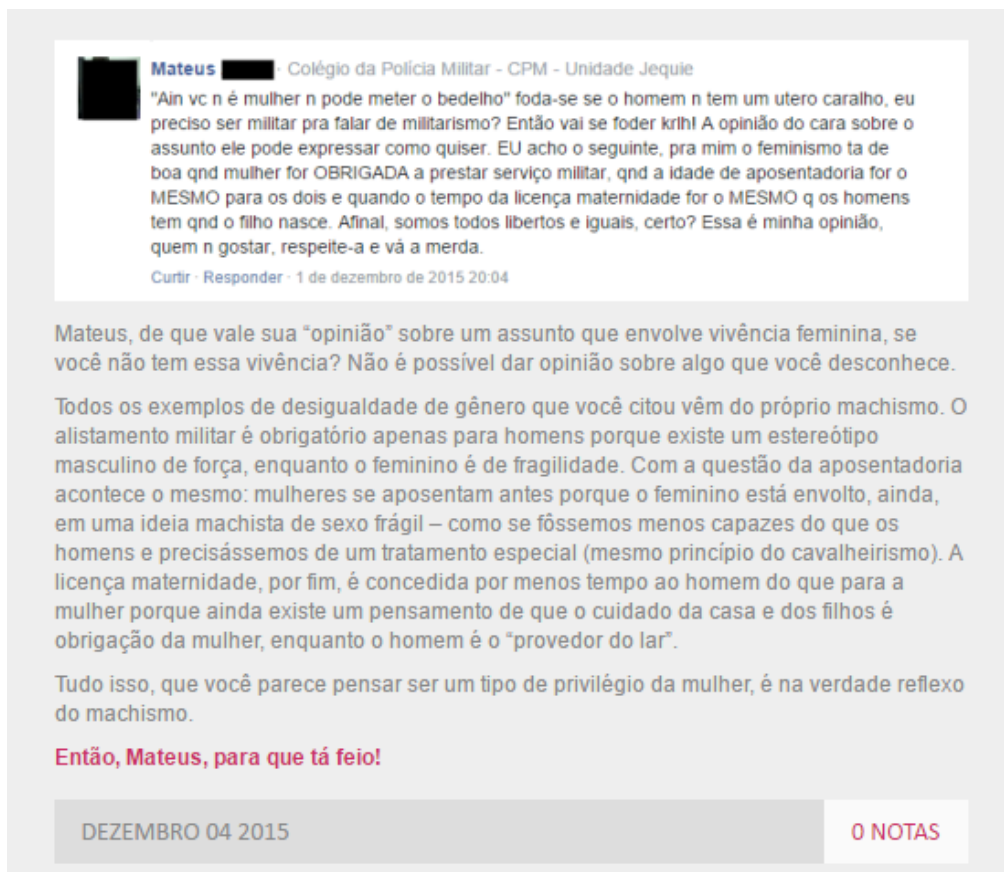
A família conjugal moderna estruturada através da divisão sexual do trabalho impediu o exercício da liberdade e igualdade de forma equivalente pelos dois sexos. Dentro desses limites, as noções de indivíduo e individualidade passaram a ter contornos determinados por esse contexto: as individualidades feminina e masculina só podiam se expressar legitimamente como manifestações da dicotomia público/privado. Esse dilema sempre esteve presente nas relações que conformaram a família conjugal moderna e o casamento moderno – instituições que resultavam de escolhas pessoais, mas eram constrangidas pelos papéis que definiam os contornos da individualidade de cada um. (VAITSMAN, 2001, pág. 15)

Ou seja, com a divisão sexual do trabalho, os homens ganham uma vida pública – trabalhando fora e gerando renda, enquanto a mulher fica confinada ao lar, o espaço privado. A dicotomia de público e privado de que Vaitsman fala fica mais explícita na última parte da postagem, quando escreve-se que a “licença maternidade, por fim, é concedida por menos tempo ao homem do que para a mulher porque ainda existe um

pensamento de que o cuidado da casa e dos filhos é obrigação da mulher, enquanto o homem é o ‘provedor do lar’.”

Uma das diretrizes seguidas para a elaboração das respostas ainda, é o tom didático e sem agressividade. Na era da internet e, principalmente, nos dias de polarização política que vivemos hoje, não é incomum encontrar longos textos com doses grandes de sarcasmo e acidez em seu tom. A fim de construir um ambiente virtual mais ameno, porém, esse tipo de abordagem foi evitada em detrimento de um tom menos agressivo. Isso muitas vezes contrasta com o conteúdo dos próprios comentários, que demonstram essa agressividade e utilizam até palavras de baixo calão em uma tentativa raivosa de atingir o outro lado.

Figura 1 – Postagem do blog “Para Que Tá Feio”, respondendo a um comentário sexista



Mateus [Redacted] Colégio da Polícia Militar - CPM - Unidade Jequié

"Ain vc n é mulher n pode meter o bedelho" foda-se se o homem n tem um utero caralho, eu preciso ser militar pra falar de militarismo? Então vai se foder krlh! A opinião do cara sobre o assunto ele pode expressar como quiser. EU acho o seguinte, pra mim o feminismo ta de boa qnd mulher for OBRIGADA a prestar serviço militar, qnd a idade de aposentadoria for o MESMO para os dois e quando o tempo da licença maternidade for o MESMO q os homens tem qnd o filho nasce. Afinal, somos todos libertos e iguais, certo? Essa é minha opinião, quem n gostar, respeite-a e vá a merda.

[Curtir](#) · [Responder](#) · 1 de dezembro de 2015 20:04

Mateus, de que vale sua "opinião" sobre um assunto que envolve vivência feminina, se você não tem essa vivência? Não é possível dar opinião sobre algo que você desconhece.

Todos os exemplos de desigualdade de gênero que você citou vêm do próprio machismo. O alistamento militar é obrigatório apenas para homens porque existe um estereótipo masculino de força, enquanto o feminino é de fragilidade. Com a questão da aposentadoria acontece o mesmo: mulheres se aposentam antes porque o feminino está envolto, ainda, em uma ideia machista de sexo frágil – como se fôssemos menos capazes do que os homens e precisássemos de um tratamento especial (mesmo princípio do cavalheirismo). A licença maternidade, por fim, é concedida por menos tempo ao homem do que para a mulher porque ainda existe um pensamento de que o cuidado da casa e dos filhos é obrigação da mulher, enquanto o homem é o "provedor do lar".

Tudo isso, que você parece pensar ser um tipo de privilégio da mulher, é na verdade reflexo do machismo.

Então, Mateus, para que tá feio!

DEZEMBRO 04 2015 0 NOTAS

Fonte: a autora, 2016.

Outro texto usado na produção das respostas foi parte do livro “Problemas de Gênero”, de Judith Butler. Um dos tópicos em debate pela autora nessa obra foi a abordagem do gênero como construção, citando a famosa frase de Simone de Beauvoir, “a

gente não nasce mulher, tornar-se”. A partir dessa ideia, Butler levanta uma série de questionamentos e análises quanto à construção de gênero.

Para Beauvoir, o gênero é “construído”, mas há um agente implicado em sua formulação, um cogito que de algum modo assume ou se apropria desse gênero, podendo, em princípio, assumir algum outro. (...) Beauvoir diz claramente que a gente “se torna” mulher, mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo. E tal compulsão claramente não vem do “sexo”. Não há nada em sua explicação que garanta que o “ser” que se torna mulher seja necessariamente fêmea.
(BUTLER, 2003, pág. 16).

Na primeira postagem do blog, que responde a um comentário feito em uma página de notícias, já começa-se falando sobre isso: “Bruno, as feministas defendem que o gênero é uma construção social, porque é verdade. Os meninos não nascem biologicamente mais propensos a gostarem de azul, as meninas não tem um gene que as faz usar saias”. Esse debate também está presente em uma postagem que traz *screenprint* de um post do Facebook instruindo pessoas a não falarem para meninos que algo é “coisa de mulherzinha”. A resposta da postagem do blog dirigia-se a um comentário que havia sido feito no post em questão, no Facebook, de caráter hostil à ideia que estava sendo sugerida. Para rebater esse comentário, escreveu-se o seguinte:

André, não existe “coisa de mulherzinha”. O que existem são construções sociais que impõe o que é um comportamento aceitável para mulheres e para homens. Esse tipo de restrição, além de arbitrária, é muito prejudicial.

Nenhum menino deve ser ridicularizado por não se adequar a papéis de gênero. Esse tipo de repressão tem consequências graves: lembra do caso do menino que gostava de lavar louça, e o pai, para “fazer ele virar homem”, o espancou até a morte?

Todo mundo deveria poder agir como quiser, seja com comportamentos ditos masculinos ou femininos. A única coisa que impede essa liberdade é a ignorância.

(Postagem do blog *Para Que Tá Feio*, 2015)

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O blog do tumblr “**Para que tá feio**” se propõe a postar comentários sexistas de vários lugares da internet e dar a eles uma resposta, explicando por que a pessoa está equivocada em sua argumentação. Como os comentários são dos mais variados (passando também por outros tipos de preconceito, como a homofobia e a transfobia), não há uma

questão única da teoria de gênero trabalhada nas respostas. A problematização passa pelo papel da mulher na sociedade, cultura do estupro, e binarismo de gênero.

Também fizeram parte desse trabalho os alunos Giulia Straube, Miguel Mello e Thais Scuissiatto.

Figura 2 – Cabeçalho do blog



Fonte: a autora, 2016.

Quando se fala em um produto pensado para a web, algumas preocupações técnicas emergem. Deve-se pensar em coisas como layout, fontes de texto, modelos de postagem e, dependendo de para qual espaço da web é o produto, plano de fundo, ícone, vinheta, header, etc. No caso do Tumblr, o site disponibiliza “temas” que já vão definir todo o layout do blog. Se o usuário quiser, ainda pode usar um tema personalizado, como foi o caso deste blog.

Com o blog já pronto, não se seguiu uma regra para fazer as postagens – cada membro do grupo escreveu dois posts, mas os comentários eram procurados aleatoriamente pela internet. Depois de encontrado um comentário sexista para rebater, pensava-se nas teorias estudadas e qual seria a melhor para argumentar contra o comentário em questão.

Ao fim de cada post, ainda é recomendado à pessoa dona do comentário preconceituoso: “para que tá feio” – expressão originada e popularizada em discussões na internet.

6 CONSIDERAÇÕES

O blog foi divulgado apenas no grupo do coletivo feminista do curso de Comunicação Social da UFPR, o Coletivo Vitória-Régia. Por essa falta de mais ampla

divulgação, não houve uma repercussão para além do ambiente acadêmico em que o trabalho nasceu. Porém, tratar desse tema dentro da universidade (seja na forma de coletivos, palestras ou trabalhos como este) tem vital importância na formação de profissionais que não repetirão os mesmos erros de predecessores que não tiveram acesso à mesma carga de conhecimentos. O campo da comunicação é particularmente propício a reiteração de preconceitos através de estereótipos e linguagem discriminatória. Não é difícil encontrar exemplos: manchetes chamando travestis pelo termo pejorativo “traveco” em jornais populares; mulheres sendo retratadas unicamente como objeto sexual para o prazer masculino em propagandas de cerveja; personagens estereotipados passando imagem negativa de minorias sexuais e de gênero em programas de humor. Profissionais de comunicação com consciência de sua responsabilidade perante certas minorias sociais, terão uma probabilidade menor de continuar reproduzindo preconceito através de produtos de comunicação como os citados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

FIRESTONE, Shulamith. **A Dialética do Sexo**. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976

KEEN, Andrew. **O Culto do Amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores**. Nova York: Doubleday, 2007.

LEMOS, André. **Prefácio**. In: ADRIANA AMARAL; RAQUEL RECUERO; SANDRA MONTARDO (Orgs.). *Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

VAITSMAN, Jeni. **Gênero, identidade, casamento e família na sociedade contemporânea**. In: ANDRÉA BRANDÃO PUPPIN; ROSE MARIE MURARO (Org.). *Mulher, gênero e sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.